

Os doze irmãos

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um rei e uma rainha que viviam em paz um com o outro e tinham doze filhos, todos meninos. Então o rei disse à esposa:

— Se a décima terceira criança que você der à luz for uma menina, os doze meninos deverão morrer, para que ela tenha uma grande riqueza e herde sozinha o reino.

Mandou fazer doze caixões, já forrados de maravalha, cada um com seu pequeno travesseiro mortuário. Ordenou que fossem levados para um quarto trancado, deu a chave à rainha e proibiu-a de contar aquilo a qualquer pessoa.

A mãe passou a ficar sentada o dia inteiro, triste. O filho mais novo, que estava sempre perto dela e a quem dera o nome bíblico de Benjamim, perguntou:

— Querida mãe, por que está tão triste?

— Meu querido filho — respondeu ela —, não posso lhe dizer.

Mas ele não a deixou em paz até que ela foi abrir o quarto e lhe mostrou os doze caixões já forrados de maravalha. Então disse:

— Meu querido Benjamim, seu pai mandou fazer estes caixões para você e seus onze irmãos. Se eu der à luz uma menina, vocês serão todos mortos e enterrados neles.

Enquanto falava, ela chorava. O filho a consolou:

— Não chore, querida mãe. Vamos dar um jeito de nos salvar e iremos embora.

Ela respondeu:

— Vá com seus onze irmãos para a floresta. Um de vocês deve ficar sempre de vigia, na árvore mais alta que encontrarem, olhando para a torre do castelo. Se eu tiver um menino, hastearei uma bandeira branca, e vocês poderão voltar. Se tiver uma menina, hastearei uma bandeira vermelha. Então fujam o mais depressa que puderem, e que o bom Deus os proteja. Todas as noites vou me levantar e rezar por vocês: no inverno, para que possam se aquecer junto a um fogo; no verão, para que não desfaleçam de calor.

Depois de a mãe abençoá-los, os filhos partiram para a floresta. Revezavam-se na vigia, sentados no carvalho mais alto, de olho na torre. Quando se passaram onze dias e chegou a vez de Benjamim, ele viu uma bandeira ser hasteada. Não era a branca, mas a bandeira vermelha de sangue, anunciando que todos deveriam morrer. Quando os irmãos souberam disso, ficaram furiosos e disseram:

— Teremos de morrer por causa de uma menina? Juramos nos vingar. Onde encontrarmos uma menina, seu sangue vermelho correrá.

Entraram mais fundo na floresta. Bem no meio dela, na parte mais escura, encontraram uma pequena casa encantada, que estava vazia.

— Vamos morar aqui — disseram. — Você, Benjamim, é o mais novo e o mais fraco. Ficaré em casa cuidando de tudo. Nós sairemos para buscar comida.

Iam para a floresta e caçavam lebres, corços selvagens, aves, pombinhos e tudo o que se pudesse comer. Levavam a caça a Benjamim, que precisava prepará-la

para que matassem a fome. Viveram juntos dez anos naquela casinha, e o tempo não lhes parecia longo.

A menina que a rainha dera à luz já crescera. Era boa de coração, bela de rosto e tinha uma estrela de ouro na testa. Um dia, durante uma grande lavagem de roupa, viu doze camisas de homem entre as peças e perguntou à mãe:

— De quem são estas doze camisas? São pequenas demais para meu pai.

Com o coração pesado, a mãe respondeu:

— Querida filha, são de seus doze irmãos.

— Onde estão meus doze irmãos? Nunca ouvi falar deles.

— Só Deus sabe onde estão — respondeu a mãe. — Andam perdidos pelo mundo.

Pegou a menina, abriu o quarto e lhe mostrou os doze caixões com a maravalha e os pequenos travesseiros mortuários.

— Estes caixões estavam destinados a seus irmãos — disse —, mas eles fugiram às escondidas antes de você nascer.

Contou-lhe como tudo acontecera. Então a menina disse:

— Querida mãe, não chore. Vou sair à procura de meus irmãos.

Pegou as doze camisas e partiu direto para a grande floresta. Caminhou o dia inteiro e, ao anoitecer, chegou à casinha encantada. Entrou e encontrou um rapaz, que perguntou:

— De onde você vem e para onde vai?

Ele ficou admirado ao vê-la tão bonita, com roupas de princesa e uma estrela na testa.

— Sou uma princesa e procuro meus doze irmãos — respondeu ela. — Andarei por toda parte onde o céu for azul, até encontrá-los.

Mostrou as doze camisas que lhes pertenciam. Benjamim percebeu que ela era sua irmã e disse:

— Eu sou Benjamim, seu irmão mais novo.

Ela começou a chorar de alegria, e Benjamim também. Beijaram-se e se abraçaram com muito amor. Depois ele disse:

— Querida irmã, ainda há um problema. Combinamos que toda menina que encontrássemos teria de morrer, porque, por causa de uma menina, tivemos de deixar nosso reino.

— Morrerei de boa vontade, se com isso puder libertar meus doze irmãos — disse ela.

— Não — respondeu ele —, você não vai morrer. Esconda-se debaixo desta tina até os onze irmãos chegarem. Então darei um jeito de me entender com eles.

Ela obedeceu. Ao cair da noite, os outros voltaram da caça, e a refeição estava pronta. Quando estavam à mesa, comendo, perguntaram:

— O que há de novo?

— Vocês não sabem de nada? — disse Benjamim.

— Não — responderam.

Ele continuou:

— Vocês estiveram na floresta, e eu fiquei em casa. Mesmo assim, sei mais do que vocês.

— Então conte! — gritaram.

Ele respondeu:

— Prometem que a primeira menina que encontrarmos não será morta?

— Sim! — gritaram todos. — Ela será poupada. Conte logo!

— Nossa irmã está aqui — disse ele.

Levantou a tina, e a princesa apareceu com suas roupas reais e a estrela de ouro na testa, tão bela, delicada e graciosa. Todos se alegraram, abraçaram seu pescoço, beijaram-na e a amaram de todo o coração.

Ela ficou em casa com Benjamim e o ajudava no trabalho. Os onze iam para a floresta e apanhavam animais de caça, corços, aves e pombinhos para se alimentarem. A irmã e Benjamim cuidavam de preparar tudo. Ela buscava lenha para cozinhar e ervas para a comida, punha as panelas no fogo e fazia com que a refeição estivesse sempre pronta quando os onze chegassem. Também mantinha a ordem na casinha e arrumava as camas com roupas bem brancas e limpas. Os irmãos estavam sempre satisfeitos e viviam em grande harmonia com ela.

Um dia, os dois que ficavam em casa prepararam uma bela refeição. Quando todos se reuniram, sentaram-se, comeram, beberam e ficaram muito alegres. Junto à casinha encantada havia um pequeno jardim, onde cresciam doze flores de lírio, também chamadas estudantes. A menina quis agradar aos

irmãos, colheu as doze flores e pensou em dar uma a cada um depois da refeição. Mas, no mesmo instante em que as colheu, os doze irmãos se transformaram em doze corvos e saíram voando por cima da floresta. A casa e o jardim também desapareceram.

A pobre menina estava agora sozinha na floresta selvagem. Quando olhou ao redor, viu uma velha ao seu lado, que disse:

— Minha filha, o que você fez? Por que não deixou as doze flores brancas onde estavam? Eram seus irmãos, e agora eles estão transformados em corvos para sempre.

Chorando, a menina perguntou:

— Não há nenhum meio de libertá-los?

— Não — disse a velha. — Não há nenhum no mundo inteiro, a não ser um. Mas é tão difícil que você não conseguirá libertá-los por ele. Durante sete anos, terá de ficar muda: não poderá falar nem rir. Se disser uma única palavra, mesmo que falte apenas uma hora para completar os sete anos, tudo terá sido em vão. Essa única palavra matará seus irmãos.

A menina disse em seu coração: “Tenho certeza de que vou libertar meus irmãos.” Procurou uma árvore alta, subiu nela e pôs-se a fiar. Não falava nem ria.

Aconteceu então que um rei caçava na floresta. Ele tinha um grande galgo, que correu até a árvore onde a menina estava sentada, saltando, gritando e latindo para cima. O rei se aproximou, viu a bela princesa com a estrela de ouro na testa e ficou tão encantado por sua beleza que lhe perguntou se queria ser sua esposa. Ela não respondeu, mas fez um pequeno sinal de assentimento com a cabeça. Ele mesmo subiu na árvore, trouxe-a para baixo, colocou-a em

seu cavalo e a levou para casa. Celebraram o casamento com grande pompa e alegria, mas a noiva não falava nem ria.

Depois de viverem felizes juntos por alguns anos, a mãe do rei, que era uma mulher má, começou a caluniar a jovem rainha e disse ao filho:

— É uma mendiga qualquer que você trouxe para casa. Quem sabe que maldades sem Deus ela pratica às escondidas? Se é muda e não pode falar, ao menos poderia rir uma vez. Quem não ri tem a consciência pesada.

A princípio, o rei não quis acreditar. Mas a velha insistiu tanto e a acusou de tantas coisas más que ele acabou se deixando convencer e a condenou à morte.

Acenderam uma grande fogueira no pátio, onde ela deveria ser queimada. O rei estava lá em cima, à janela, e assistia com lágrimas nos olhos, pois ainda a amava muito. Quando ela já estava amarrada ao poste e as línguas vermelhas do fogo lambiam suas roupas, acabou de passar o último instante dos sete anos. Ouviu-se um bater de asas no ar, e doze corvos vieram voando e pousaram. Assim que tocaram a terra, voltaram a ser seus doze irmãos, libertados por ela. Eles afastaram a fogueira, apagaram as chamas, soltaram a querida irmã, beijaram-na e a abraçaram.

Agora que podia abrir a boca e falar, ela contou ao rei por que ficara muda e nunca rira. O rei se alegrou ao saber que ela era inocente, e todos viveram juntos em harmonia até a morte. A madrasta má foi levada a julgamento e

metida num barril cheio de óleo fervente e serpentes venenosas, onde morreu de uma morte terrível.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-doze-irmaos>